

Collor rejeita adesão de empresários

Candidato quer ser identificado com os eleitores mais pobres, que o elegeram

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, recusa qualquer apoio de entidades empresariais, como a Fiesp. A informação foi dada ontem pelo líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros, e endossada pelo assessor de imprensa do candidato, Cláudio Humberto. Anteontem, o presidente da Fiesp, Mário Amato, havia formulado uma declaração de apoio incondicional a Collor.

Os ministros do governo José Sarney também vivem situação semelhante à da Fiesp. Assessores de Collor, como Renan Calheiros ou Cláudio Humberto, referem-se aos ministros genericamente, como "a canalha que circunda Sarney". Collor está decidido a vincular sua candidatura à faixa mais pobre da população. "O empresariado votou no Covas, no Maluf, no Afif, no diabo a quatro", comentou Cláudio Humberto. "A simples insinuação já nos prejudica, imagine o apoio", afirmou Calheiros, referindo-se aos empresários da Fiesp e aos ministros de Sarney.

Queira ou não, o candidato do PRN à Presidência corre o risco de ter o apoio dos ministros do presidente José Sarney. Nenhum deles, porém, pretende subir em palanques, porque sabem que seriam rejeitados. Querem também manter formalmente a relação de fidelidade com o presidente Sarney, embora ele os tenha liberado para apoiar e votar em Collor de Mello.

lhães, que lidera uma ala do PFL, não se limitará a mobilizar seus cabos eleitorais na Bahia, como fez no primeiro turno. Ele já está assumindo o papel de articulador nos bastidores da campanha, para trazer novos apoios a Collor de Mello. Ao mesmo tempo, o ministro deve reforçar o comando da campanha em Salvador, que estava entregue ao empresário Pedro Irujo e ao prefeito Fernando José.

Ontem, Antônio Carlos conversou demoradamente com o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, que é do PMDB mas fez campanha para Covas, o terceiro mais votado em Brasília. O primeiro foi Lula. O governador pretende se candidatar à reeleição e, naturalmente, não deseja ver o PT no Palácio do Planalto.

O ministro da Cultura, José Aparecido, chega a dizer que Lula "é um candidato capaz de dar um choque de modernidade" no País, mas depois fez uma ressalva: "Acho que vou promover uma união familiar". O próprio Aparecido explica: seu sobrinho, Genesco Aparecido de Oliveira, prefeito de Lagoa Santa (MG) está com Collor e seu irmão, Genesco Oliveira, suplente de deputado federal, aderiu ainda no primeiro turno.

A recusa de Collor, no entanto, não poderia ser mais firme.

Cláudio Humberto recorda que o candidato dispensou o apoio de empresários do porte de Mário Amato, presidente da Fiesp, e da sua entidade no início da campanha. "Se não queríamos ver o nome desta Fiesp ao lado do candidato naquela época, por que iríamos desejá-la agora? A Fiesp não tem nenhuma importância eleitoral. Não tivemos nem teremos contato com ela", garante.



Protásio Nêne/AE

Collor, com meninos de rua, em Brasília: recusa às adesões de Mário Amato, da Fiesp e dos ministros de Sarney